



ASPECTOS DA SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO PROFESSORAS CONVIVEM COM ESSE TEMA?

*“Os educadores reconheceram que a educação sexual deve ser um processo contínuo ao longo da vida, e que a criança deve começar a recebê-la na escola o quanto antes”
(GUIMARÃES, 1975.p.79).*

Dayan Mendonça Santos da Costa; Mayara Ferreira de Oliveira; Joseval dos Reis Miranda

Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, UFPB – Campus IV, dayan.mendonca@hotmail.com; Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia, UFPB – Campus IV, mayaramarry@hotmail.com; Doutor em Educação, Professor da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, josevalmiranda@yahoo.com.br

Resumo: Sabemos que a sexualidade faz parte da nossa vida desde que nascemos, por isso, a orientação sexual nos dias atuais não pode, nem deve ser ignorada pelas escolas de todos os seus níveis educacionais. Assim, o presente estudo, teve como objetivos: compreender como o/a professor/a convive com a sexualidade na Educação Infantil e analisarmos importância da ação do/a professor/a nas manifestações sexuais da criança na Educação Infantil. A pesquisa foi realizada com professoras da Educação Infantil da Creche Maria da Penha da cidade de Sapé – Paraíba. Foi utilizada a abordagem de pesquisa qualitativa, por meio do uso de observação e entrevista semiestruturada com as professoras da Educação Infantil. Constatamos na pesquisa realizada que a sexualidade está presente no contexto escolar desde a Educação Infantil; que se faz necessário a formação das educadoras para lidar com essas questões, evitando opiniões pessoais e reconhecendo a importância de se falar sobre o assunto dentro das instituições; e ratificamos a necessidade do acompanhamento e da orientação adequados para a sua formação integral como indivíduo respeitando a todos e todas desde a Educação Infantil.

Palavras chave: Sexualidade, Educação Infantil, Formação de professores e a sexualidade.

Introdução

Sabemos que a sexualidade faz parte da nossa vida desde que nascemos, por isso, a orientação sexual nos dias atuais não pode, nem deve ser ignorada pelas escolas. O processo de Educação sexual, conforme Suplicy (1990) é um processo que ocorre durante toda a vida do indivíduo, desde o seu nascimento, e dele fazem parte todas as pessoas que convivem com a criança: pais, parentes, professores/as, empregados/as, e inclusive a mídia. Por isso, a discussão sobre sexo e sexualidades precisam e deve ser encaminhadas como parte da vida, assim como todas as outras descobertas e



assuntos trazidos pelas crianças, e tratada com continuidade, embora existam fases diferentes e ritmos próprios que precisam ser respeitados.

A sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um/uma. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade influencia pensamento, sentimento, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), uma questão bastante atual e presente no cotidiano de todos os/as profissionais da educação é a postura a ser adotada, dentro das escolas, em face das manifestações das sexualidades dos/as alunos/as, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental e também na Educação Infantil.

É esperado que a educação sexual nas instituições transmita e reflita sobre as discussões sobre as sexualidades a partir de um enfoque sociocultural, ampliando, deste modo, a percepção de mundo do/a aluno/a, ajudando-o/a a aprofundar e refletir sobre a forma como as sexualidades se apresentam em sua cultura. Ou seja, o/a aluno/a privilegiado/a com as informações recebidas poderá ter um entendimento melhor sobre o assunto, auxiliando-o na tomada de decisões e na reflexão sobre as questões relacionadas à sexualidade, podendo-se obter um comportamento mais adequado por parte dos estudantes.

A sexualidade sempre foi um tema de difícil discussão, sobretudo para crianças: a curiosidade, a percepção das diferenças no próprio corpo e do corpo do/a outro/a, a descoberta das carícias e a fonte de prazer que o sexo representa, fizeram do assunto um tabu e algo que “não é conversa para crianças” contribuindo mais para aguçar a imaginação de cabecinhas ávidas por informações.

É necessário reconhecermos que os/as professores/as, se deparam com situações em sala de aula diante das quais não sabem como agir. Nem sempre o/a professor/a se sente seguro/a para falar algo em relação à sexualidade, talvez por medo de como a sua fala pode influenciar o/a aluno/a, que poderá interpretá-lo/la de maneira incorreta.

Nessa conjuntura Cabral (1995) enfoca que,

Educar o outro é fundar a ação pedagógica na reflexão acerca da própria educação. Ou seja, o educador ao se apropriar de um conhecimento passa por um processo de autotransformação, o que possibilita a produção e transmissão de novos conhecimentos. [...] O educador que se ocupa desta tarefa - Educação sexual - necessita conhecer-se a si próprio, conhecendo a história o homem e das sociedades através dos tempos (CABRAL, 1995, p.153-154).



Nesse sentido, o/a professor/a exerce um importante papel na sexualidade da criança, orientando-a no dia-a-dia. A sexualidade deve ser orientada de forma a preparar o indivíduo para a vida, porém para educar é preciso que o/a educador/a esteja preparado/a para tal tarefa. Desse modo, as questões referentes a Educação Sexual não podem ficar fora do espaço escolar, como diz Figueiró (2006):

Se pensarmos que a finalidade maior da educação sexual é contribuir para que o educando possa viver bem a sua sexualidade, de forma saudável e feliz, e, ao mesmo tempo, contribuir para que ele esteja apto a participar da transformação social, em todas as questões ligadas direta ou indiretamente à sexualidade, podemos concluir que o professor que ensina sobre sexualidade, de forma humanizadora, está sendo um mediador de esperanças e de projetos de vida (FIGUEIRÓ, 2006, p. 17).

Convém ressaltarmos que segundo Nunes e Silva (2000):

[...] Entendemos que a sexualidade é uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem [...] A sexualidade transcende a consideração meramente biológica, centrada na reprodução das capacidades instintivas [...] A sexualidade é a própria vivência e significação do sexo, para além do determinismo naturalista, isto é, carrega dentro de si a intencionalidade e a escolha, que a tornam uma dimensão humana, dialógica, cultural [...] (NUNES; SILVA, 2000, p.73).

O objetivo da educação sexual na escola consiste em colocar professores/as com uma formação teórica e metodológica para desempenhar de forma significativa seu papel, ajudando os/as alunos/as a superarem suas dúvidas, ansiedades, angustias, pois a criança chega na escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo.

Sabendo que abordar a sexualidade é fundamental para orientar o indivíduo no contexto sócio-cultural, faz - se necessário mostrar o quanto é importante saber como é manifestada a sexualidade dos/as alunos/as, em especial da Educação Infantil, e como ela é trabalhada por parte dos/as professores/as.

Seguindo essa premissa Egypto (2003) afirma:

A escola é um lugar onde se está produzindo diálogo e reflexão. É, portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes. Na medida em que a escola se nega ou não consegue se capacitar para poder dar conta dessa responsabilidade, ela reforça a idéia que de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano (EGYPTO, 2003, p.16).



O ambiente escolar produz conhecimento e promove a sabedoria. Partindo dessa ideia Suplicy (2000) relata:

A escola é um lugar privilegiado, de ajuda em potencial, porque o aluno não está aí apenas por um dever moral ou por obrigação social, mas também um motivo interno: o desejo de saber. A energia que origina a curiosidade sexual (na primeira infância) vai se diferenciar e se transformar no desejo de saber, o que resulta no prazer de adquirir conhecimentos (SUPPLICY *et. al.*, 2000, p.33).

Ao falar de sexualidade na Educação Infantil, o/a educador/a deverá estar atento a muitas questões, pois o assunto abrange muitos preconceitos, tabus e crenças. Além disso, a sexualidade é entendida como algo inerente ao ser humano, que se manifesta a partir do nascimento e vai até o momento da morte, apresentando diferentes formas, de acordo com cada etapa do desenvolvimento. A sexualidade infantil irá se desenvolver a partir dos primeiros dias de vida e irá se manifestar de maneiras diferentes em todo período da infância. Portanto, a sexualidade, assim como a inteligência, será construída desde as suas possibilidades pessoais até a sua interação com o meio social e cultural (BRASIL, 2000).

Neste trabalho investigativo pretendemos abordar alguns questionamentos das educadoras infantis sobre a sexualidade na Educação Infantil, suas experiências e seus temores a respeito do assunto, ainda como é trabalhada a educação por parte da escola e das educadoras.

Sabemos que se faz necessário que os primeiros e principais responsáveis pela educação sexual sejam os pais. Porém, cabe também aos/as professores/as, os gestores/as e demais atores do contexto escolar essa difícil e imprescindível tarefa.

Assim sendo, o presente trabalho teve como objetivo geral compreender como o/a professor/a convive com a sexualidade na Educação Infantil. Além disso, buscamos compreender importância da ação do/a professor/a nas manifestações sexuais da criança na Educação Infantil.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com professoras da Educação Infantil da Creche Maria da Penha da cidade de Sapé – Paraíba e objetivou analisar possíveis fatores que têm contribuído para as dificuldades das professoras em lidar com os casos que envolvem a sexualidade das crianças.

Embasados pela abordagem de cunho qualitativa de pesquisa, buscamos compreender de maneira mais efetiva como as educadoras reagem diante da manifestação da sexualidade por parte das crianças foi elaborado um modelo de entrevista, contendo oito questões abordando estes temas e



focando principalmente nas reações das educadoras diante do comportamento em que a sexualidade das crianças foi expressada.

A entrevista semiestruturada foi aplicada individualmente e no ambiente escolar. Conforme o modelo de entrevista, a educadora foi relatando fatos, apresentando situações e expondo seus conceitos e entendimentos sobre a sexualidade infantil. Sobre a entrevista Gil (1999) menciona:

[...] desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são em grande número, alerta que se deve cuidar para que o entrevistador não influencie ou interprete as respostas, apenas as reproduza e que não improvise (GIL, 1999, p. 121).

Desta forma, usamos a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa foi com base em observação e entrevista com professores da Educação Infantil e os resultados da pesquisa são apresentados em forma de resposta aos questionamentos e dúvidas de professores da educação infantil sobre como agir em alguns casos de manifestação da sexualidade infantil.

Resultados da pesquisa

De acordo com os dados coletados, a partir da entrevista com as educadoras, percebemos que as crianças apresentam desde cedo impulsos sexuais, o que desperta nelas curiosidade, e que estas manifestações fazem parte de seu desenvolvimento, segundo Nunes e Silva (2000) explicam que:

[...] A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela traz consigo para o mundo, e deles provêm. Através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar as manifestações da atividade sexual infantil; ao contrário, deixá-las passar despercebidas ou incompreendidas é que é preciso considerar-se grave. (FREUD *apud* NUNES e SILVA 2000, p.46).

O que podemos perceber nas entrevistas e também por meio das observações realizadas, com as duas educadoras da Educação Infantil da creche, é que já haviam vivenciado alguma situação que envolvesse a sexualidade de seus/as alunos/as em sala de aula. Vamos aqui relatar as respostas das professoras, identificando as mesmas como Maria e Ana.

Em questionamento sobre “Como professora, você se acha “preparada” para tirar dúvidas sobre sexualidade com as crianças?”, a Ana respondeu que:

Não, pois não tenho nenhuma experiência nesta área e quando surge alguma dúvida eu respondo o que acho certo, pois não tive curso preparatório para isso.

Já a Maria disse que:



Sim, mim acho capacitada, mas, não gosto de trabalhar esse tema.

Segundo Maia *et al.* (2006), muitos/as educadores/as possuem dificuldades em orientar seus alunos que podem ser: por razões pessoais, falta de informações específica voltadas na área da sexualidade e até mesmo por falta de orientação e de recursos metodológicos que ajude o/a professor/a a compreender a realizar uma orientação sexual adequada. Porém, a formação destes/as profissionais ao se trabalhar com a temática é de grande importância para que se possa evitar a passagem de conceitos pessoais, preconceitos ou ideias inadequadas.

Ainda para Maia *et al.* (2006) é indispensável a formação continuada dos/as educadores/as no campo da sexualidade, com a intenção de se organizarem de modo apropriado e com respaldo teórico para assumir a tarefa de orientação sexual no ambiente escolar.

A criança deve aprender a conhecer e entender seu corpo e isto sempre ocorre, seja de uma maneira positiva ou negativa. E isso ela só aprende numa relação corporificada com o outro ser humano. Ser humano esse que, no caso da relação no espaço próprio da Educação Infantil, ressalta com muita evidência a presença do/a professor/a.

O corpo que é ela própria constitui seu ser, que vai vivenciá-lo pelo resto da vida e que deverá ser instrumento de trabalho e prazer. [...] Frequentemente vemos atribuída à sexualidade, uma significação de zona proibida para crianças. [...] Não é necessário que se despeje um caminhão de informações à criança. Porém o que não pode ser justo é não satisfazer suas curiosidades com franqueza à medida que elas forem surgindo (NUNES; SILVA, 1997, p. 51).

Quando foram perguntadas se, “Como educadora, você sente medo ou receio ao falar de sexualidade com as crianças?” a Ana, disse:

Eu sinto muito receio em responder certas perguntas, por conta dos pais dos alunos, não sabemos a reação deles.

Já a Maria disse que:

Sinto receio pela criação que tive, na verdade não é receio e sim vergonha.

De acordo com Holanda *et al.* (2010), existem impedimentos para a efetivação de estratégias que garantam o desenvolvimento da sexualidade saudável, tais como a falta de preparo e insegurança para lidar com este tema, que é cercado de tabus e superstições, tanto por parte dos familiares como também dos/as educadores/as. Ou seja, os indivíduos inseguros e que não possuem



um “preparo” ou formação adequada acabam encontrando barreiras para auxiliar as crianças sobre o assunto. Quando se discutem sobre os temas da sexualidade humana, é preciso que o/a educador/a possua atributos, como: sensibilidade, habilidade, aprendizado e atualização.

Mesmo nos dias atuais é muito difícil falar sobre sexo e a sexualidade, mesmo sendo um assunto estampado e presente em programas de televisão e mídias, que fazem parte do dia-a-dia da nossa realidade. Assim, o PCN de Orientação Sexual propõe que:

[...] que a orientação sexual oferecida pela escola, aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científica e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus. (BRASIL, 1997, p. 83).

Visto que a educação é construída em parceria perguntamos as educadoras se, elas acreditavam que a família deve ser a única responsável pela educação sexual?” a Ana e Maria disseram que:

A responsabilidade são de ambos, mais a maior parte é totalmente da família, pois acredita que a mãe tem a maneira mais adequada para falar sobre esse assunto.

As famílias, em geral, educam sexualmente, mesmo não falando diretamente sobre o assunto (BRASIL, 2000). Contudo, pode-se afirmar que a escola é o lugar na qual a criança recebe com maior intensidade as noções sobre sexualidade. Portanto, o ambiente escolar assume uma função importante na educação sexual, tendo como papel a orientação de crianças nos aspectos afetivos e cognitivos (LIMA *et al.*, 2010).

Visto que os/as educadores/as tem grande dificuldade em falar de sexualidade, questionamos “Qual o meio elas utilizam para falar com as crianças sobre sexualidade?” a Ana, disse que:

Não trabalho na sala com esse tema e procuro evitar o máximo, só quando as crianças fazem alguma pergunta então eu respondo o que eu acho.

Já a Maria, respondeu:

Fala quando é preciso faz uma roda de conversa.



Muitos/as educadores/as ainda tem dificuldade em se relacionar com a sexualidade de seus/as alunos/as, é função da escola e da Educação Infantil cuidar para que a criança atinja a puberdade sem a erotização precoce e com abertura e esclarecimento de suas dúvidas.

Se para a criança, tanto a manifestação de sua sexualidade quanto sua curiosidade e fala são naturais e espontâneas, a capacitação do adulto nessa área é claramente necessária para que sua intervenção seja adequada. A atitude da família, dos educadores, suas reações diante da TV, com ou sem palavras, positivas ou negativas, já constituem educação ou deseducação sexual. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p 58).

Para finalizar os questionamentos, abordamos ainda “qual o tema que mais influencia a sexualidade da criança?” as educadoras Ana e Maria, responderam:

São os pais com certeza, pois costumam usar DVD pornográficos na frente das crianças.

Segundo Ponte (1989), muitos pais em nome de um pretense ‘esclarecimento’ e de uma falsa lucidez, cometem erros que, a nosso ver, são muitas vezes responsáveis por sérios distúrbios emocionais que poderão perturbar não apenas a criança, mas o adulto de amanhã.

Existem outras fontes, além da família e escola, que igualmente influenciam a vida das crianças diante a sua sexualidade, tais como: livros, sujeitos não pertencentes a sua família, e especialmente nos dias atuais, os meios de comunicação social e outras. Pode-se constatar que muitas crianças detêm informações sexuais com embasamento na mídia, não possuindo capacidade de entender por completo o significado das mensagens fazendo com que estabeleçam ideias e conceitos equivocados, criando fantasias sobre o tema, que são levados para dentro da escola, e cabe a instituição ampliar a ação crítica, reflexiva e educativa deste aluno (BRASIL, 2000).

Assim, observando os relatos das professoras vimos que elas não reagem adequadamente quando se deparam com os impulsos sexuais de seus/as alunos/as, e reprimem, agem de maneira errônea e não possuem muita clareza sobre como ocorre o desenvolvimento da sexualidade infantil. Para tanto, deve-se deixar o tabu que envolve este assunto de lado, compreendendo plenamente como se desenvolve a sexualidade na criança e agir com naturalidade, sendo através de cursos de formação continuada, palestras e grupos de estudos. O que é preciso é que os/as educadores/as tenham clareza da importância de compreender como a criança se manifesta sexualmente e agir de maneira adequada.



Considerações finais

Por meio da pesquisa realizada, constatamos que a sexualidade está presente no contexto escolar, e o/a educador/a deve estar preparado/a para lidar com essas questões, evitando opiniões pessoais e reconhecendo a importância de se falar sobre o assunto dentro das instituições. Para isso, os/as profissionais da educação precisam de formação tanto inicial quanto continuada sobre temas que envolvem as questões das sexualidades para obter embasamentos teóricos e metodológicos a respeito do tema e como lidar com eles de forma adequada em cada etapa do desenvolvimento infantil.

É importante salientar que na instituição, a orientação sexual deve ser atribuída a educadores/as devidamente “capacitados e preparados” para esta função, respondendo às dúvidas que as crianças apresentarem. Devido às transformações corporais e mentais da criança, é necessário o acompanhamento e orientação adequados para a sua formação integral como indivíduo.

Desse modo, a relação da família e da escola no processo de orientação sexual da criança é de grande importância, pois a família é o primeiro lugar que a criança obtém as primeiras informações, sejam elas indiretas ou diretas, e a escola terá o papel de ensinar e desfazer as distorções aprendidas seja por meio da família ou por outros meios.

Referências

BRASIL - Parâmetros Curriculares Nacionais **pluralidade cultural, orientação sexual**/ Secretaria de Educação Fundamental–Brasília MEC / SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.
CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: moderna, 1999.

CABRAL, Juçara Teresinha. **A sexualidade no mundo ocidental** Campinas, SP: Papirus, 1995.

EGYPTO, Antônio Carlos (org.). **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel, 2006.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOLANDA, M. L. et al. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n. 4, p. 702-708, 2010.

LIMA, A. A. et al. **Educação sexual infantil**: interação entre a família e a escola como um fator determinante para uma educação eficaz. *Pedagogia em Ação*, v.2, n.1, p. 1-103, fev./jun. 2010.

MAIA, A. C. B. et al. **Orientação sexual para professores**: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil. *Minesis*, Bauru, v. 27, n. 2, p. 107-123, 2006.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

NUNES, César; SILVA, Edna. **As manifestações da sexualidade da criança**. Campinas: Século XXI, 1997.

PONTE, Caio. **Psicologia, Amor e Família**. São Paulo: Formar, 1989

SUPLICY, Marta *et. al.* **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Editora Olho d'água, 2000.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. São Paulo: Vozes Ltda./ 21º Edição atualizada.1983.